

A roupa suja de ACM e Temer

Presidentes do Senado e da Câmara partem para agressões pessoais por causa do Judiciário

Catia Seabra, João Domingos
e George Alonso

BRASÍLIA e SÃO PAULO

Numa dura troca de golpes — a primeira explícita depois de anos de conflitos administrados no Congresso — o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), agitam ontem o início de uma semana já tumultuada com as ameaças de saída de Renan Calheiros do Ministério da Justiça. Em resposta a uma nota de Temer, que rebateu críticas de Antônio Carlos questionando a autoridade do senador para debater neste momento a reforma do Judiciário, o presidente do Senado reagiu violentamente. Acusou Temer de sabotar o trabalho do relator da reforma do Judiciário, de obstruir o andamento de projetos que desagradam a advogados e de fazer lobby pelo Porto de Santos.

— As coisas morais nunca foram o forte do senhor Michel Temer. A prova disso é a luta que ele faz pelo Porto de Santos. Isso são detalhes posteriores, que nós vamos traçar. Ou eu com ele, vis a vis — bombardeou Antônio Carlos.

Ao saber que Temer havia divulgado nota dizendo que a reforma do Judiciário não é para curiosos, mas para quem tem autoridade no tema, como ele próprio, que é advogado e professor de direito constitucional, Antônio Carlos atacou:

— Foi uma atitude extemporânea, que serviu apenas para ele dizer que é professor de direito constitucional, coisa que certamente muita gente só vai tomar conhecimento a partir de hoje.

Para ACM, Temer tem "pose de mordomo de filme de terror"

Antônio Carlos disse que tem consultado constitucionalistas e nenhum deles conhece alguma obra ou feito importante de Temer. Em seguida, disse que o deputado não defende a moralidade:

— Eu defendo sempre a moralidade. Na reforma do Judiciário, ele (Temer) não queria a CPI, não queria que se descobrissem as imoralidades que estamos descobrindo. Por isso, vamos mudar a legislação sobre o Judiciário. Ele não queria (a CPI), mas foi feita. Depois, ele quis apagar, fazendo essa reforma — continuou Antônio Carlos.

Logo que tomou conhecimento das críticas, Temer decidiu dar entrevista em São Paulo. Antes, respondeu a parlamentares do PMDB que o procuravam para prestar solidariedade e abastecer com informações contra o presidente do Senado:

— Críticas de uma pessoa com a biografia do senador Antônio Carlos Magalhães, ligado ao Banco Econômico, são para mim um elogio — reagiu Temer, acrescentando: — O senador tem o mau hábito de avacalhar todo mundo. Comigo, não.

Respondendo a tréplica de Temer, Antônio Carlos disse que não poderia avacalhar o deputado:

— Não poderia avacalhá-lo, porque avacalhado ele já é. Não me impressiona a sua pose de mordomo de filme de terror.

Eduardo Alves: "Nosso problema não é mais o Renan. É Temer"

De manhã, antes de ditar a nota para sua assessoria, Temer demonstrou estar muito irritado. Em conversas com peemedebistas, repetia que Antônio Carlos passara dos limites. A discussão acirrou ainda mais os ânimos na base aliada. Já fragilizado em meio às brigas pela direção da Polícia Federal, o PMDB prometeu partir em defesa de Temer.

— Nosso problema não é mais o Renan. É Temer — disse o deputado Henrique Eduardo Alves (RN), vice-líder do PMDB na Câmara.

Além dos ataques pessoais — ponto que mais desagradou ao PMDB — Antônio Carlos pôs em dúvida a capacidade de Temer de ser eleito presidente da Câmara:

— O doutor Michel Temer foi eleito a primeira vez com muito esforço do deputado Luís Eduardo Magalhães (ex-presidente da Câmara, filho de Antônio Carlos, que morreu em abril do ano passado). A ele, deve esta posição que hoje ocupa. Entretanto, ele só respondeu com a inveja do êxito de Luís Eduardo na presidência da Câmara, coisa que ele (Temer) até hoje não obteve.

Temer foi reeleito presidente da Câmara numa negociação com o PFL, que reelegeu Antônio Carlos para a presidência do Senado.

— O doutor Michel Temer só foi reeleito porque eu era presidente do Senado e ia ser reeleito. E tinha que compensar o seu partido na Câmara, pois (o PMDB) era maioria no Senado.